

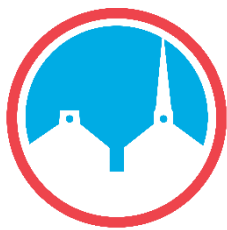
FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO – FABAT
SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL

CARLOS FELIPE DOS SANTOS LOPES

AS BEM-AVENTURANÇAS EM MATEUS 5:3-11:
Como Seus Ensinamentos Centrais Respondem aos
Desafios da Igreja Contemporânea

RIO DE JANEIRO

2025



**FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO – FABAT
SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL**

CARLOS FELIPE DOS SANTOS LOPES

**AS BEM-AVENTURANÇAS EM MATEUS 5:3-11:
Como Seus Ensinamentos Centrais Respondem aos
Desafios da Igreja Contemporânea**

**Artigo apresentado ao curso de
Bacharel em Teologia da Faculdade
Batista do Rio de Janeiro, como
requisito necessário à obtenção do
título de bacharel.**

Orientadora: Prof.º M. Leonardo

RIO DE JANEIRO

2025

AS BEM-AVENTURANÇAS EM MATEUS 5:3-11: Como Seus Ensinamentos Centrais Respondem aos Desafios Da Igreja Contemporânea

Carlos Felipe dos Santos Lopes¹

Leonardo²

Resumo

Este artigo tem como temática “A mensagem das bem-aventuranças em Mateus 5:3-11: como seus ensinamentos centrais respondem aos desafios da igreja contemporânea” e tem por objetivo investigar de que maneira os ensinamentos fundamentais de Jesus, expressos nas bem-aventuranças, podem ser aplicados como respostas aos desafios éticos e sociais enfrentados pela igreja no tempo presente. A hipótese que orienta esta pesquisa é a de que as bem-aventuranças oferecem princípios essenciais que, quando compreendidos e aplicados corretamente, fornecem diretrizes sólidas para lidar com questões como desigualdade, justiça social e pluralismo religioso.

Palavras-chave: Bem-aventuranças, Desafios, Igreja, contemporâneo

Abstract

This article addresses the theme “The message of the Beatitudes in Matthew 5:3–11: how their central teachings respond to the challenges of the contemporary church” and aims to investigate how the fundamental teachings of Jesus, expressed in the Beatitudes, can be applied as responses to the ethical and social challenges faced by the church today. The hypothesis guiding this research is that the Beatitudes offer essential principles which, when properly understood and applied, provide solid guidelines for dealing with issues such as inequality, social justice, and religious pluralism.

Keywords: Beatitudes, Challenges, Church, Contemporary

Introdução

Com base em fontes exclusivamente bibliográficas, este trabalho busca analisar os textos bíblicos dentro de seu contexto histórico e literário original, a fim de identificar como seus princípios éticos podem ser legitimamente transpostos para os dilemas contemporâneos.

A estrutura deste estudo está organizada em três seções principais. A seção 1, “Visão Geral sobre o sermão do Monte”, apresenta uma introdução geral

¹ Graduando(a) em Teologia pela Faculdade Batista do Sul

² Doutor e Mestre em Teologia (Área de concentração: Teologia Bíblica) pela PUC-Rio. Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

ao Evangelho de Mateus, abordando seu contexto histórico, seus propósitos teológicos e sua importância para a interpretação das bem-aventuranças. A seção 2, “Análise das Bem-aventuranças”, realiza uma investigação exegética de cada bem-aventurança, destacando seus elementos éticos e sua relevância para a formação da identidade cristã.

Por fim, a seção 3, “As Bem-aventuranças nos dias de Hoje”, examina como os princípios ensinados por Jesus podem ser aplicados à realidade atual, mostrando de que forma eles oferecem caminhos concretos para enfrentar desafios éticos e sociais experimentados pela igreja na contemporaneidade.

1- Visão Geral Sobre o Sermão do Monte

O sermão do monte é o primeiro dos cinco principais discursos do evangelho de Mateus. Todos os cinco discursos seguem blocos de material narrativo; todo os cinco terminam com a mesma fórmula.³

Não só porque é o primeiro e o mais longo dos cinco e, por isso, ajudar determinar a abordagem crítica em relação a todos eles, mas também porque lida com questões éticas de importância fundamental para todas as eras, esse "semá deu origem a milhares de livros e artigos com a visão de uma comunidade que sofre e testemunha (Mt 10).⁴

Hoje, o sermão é comumente interpretado como um conjunto de padrões morais usado caqueticamente na comunidade de Mateus. Embora isso pudesse ser verdade se houvesse uma comunidade mateana, essa percepção é reducionista.⁵

Ela falha em interagir com a história da salvação. Todo o evangelho de Mateus apresenta-se como ensinamento e ministério de Jesus antes de a igreja ser chamada à plena existência, sentido pós-Pentecoste. Esse evangelho não se apresenta como a catequese de uma igreja, mas como um retrato teológico daquele que cumpriu a Escritura e introduziu o fim dos tempos.⁶

³ CARSON, D. A. O comentário de Mateus.p.160-162.

⁴ CARSON, D. A. O comentário de Mateus.p.160-162.

⁵ CARSON, D. A. O comentário de Mateus. p.160-162.

⁶ CARSON, D. A. O comentário de Mateus. p.160-162.

A tradição anabatista-menonita interpreta que a exigência ética se aplica a todos os cristãos de todas as eras e em toda circunstância. A filosofia resultante do pacifismo no contexto de um mundo amante do poder exige a conclusão de que os cristãos não devem buscar se envolver em assuntos de Estado. Essa tradição percebe corretamente a condição de separada da comunidade de crentes, que não deve ser confundida com o mundo. Mas a tradição é insensível em relação à localização desse sermão no progresso da redenção e torna absoluto alguns de seus ensinamentos de forma incompatível com seu contexto e com outra Escritura.⁷

A interpretação existencial encontra nesses capítulos um resumo para decisão pessoal e fé autêntica, mas alija o Deus pessoal e infinito que faz o resumo. Além disso, ao negar a singularidade do Jesus que faz o sermão, ela também não está e altura de seu tema de cumprimento e de suas implicações⁸

Ainda outros alegam que Jesus está advogando um "interim ético" par permanecer ativo até a consumação iminente. Mas Jesus, presumem eles, enganou-se quanto ao tempo desse evento; assim, o "interim ético" deve ser reduzido de acordo com isso. Tudo isso repousa na percepção que Jesus deduz de outras passagens (não menos, Mt 24—25 e paralelos).⁹

E comum entre os evangélicos e outros interpretar o sermão do monte como uma intensificação, ou radicalização, da lei moral do Antigo Testamento, mas isso depende muito de uma interpretação duvidosa de Mateus 5.17-20 permanecer ativo até a consumação iminente. Mas Jesus, presumem eles, enganou-quanto ao tempo desse evento; assim, o "interim ético" deve ser reduzido de acordo com isso. Tudo isso repousa na percepção que Jesus deduz de outras passagens.¹⁰

O dispensacionalismo clássico interpreta o sermão do monte como lei para o reino milenar oferecido por Jesus primeiro para os judeus. Essa interpretação enfrentou tantas objeções que a abordagem foi mais bem especificada. Considerando que o conteúdo ético do sermão está vinculado a qualquer era, mas continua a guiar a cunha entre esses capítulos e o evangelho cristão ao apontar que eles não

⁷ CARSON, D. A. O comentário de Mateus. p.160-162.

⁸ CARSON, D. A. O comentário de Mateus. p.160-162.

⁹ CARSON, D. A. O comentário de Mateus. p.160-162.

¹⁰ CARSON, D. A. O comentário de Mateus. p.160-162.

mencionam a cruz, a justificação pela fé, o novo nascimento etc. Com base nisso, a epístola de Tiago também não é crista: Ademais, eles interpretam erroneamente o tema de cumprimento de Mateus e impõe uma estrutura teológica a esse evangelho que exige exegese improvável de inúmeras passagens. A disjunção entre Mateus 5-7 e o evangelho cristão é teológica e historicamente artificial.¹¹

1.2- Localização do sermão em Mateus.

Mateus, ao contrário de Lucas, não põe o sermão após o chamado dos Doze (10.1-4); pois lá ele põe o segundo discurso, referente à missão. Isso liga o chamado com a comissão, tema de grande importância para Mateus. Não é de menos importância a localização do sermão do monte tão no início do evangelho, antes de quaisquer sinais de controvérsias entre Jesus e os líderes judeus quanto ao sentido da lei. Isso quer dizer que, a despeito das antíteses em 5.17-48 ("Vocês ouviram o que foi dito (.), mas eu lhes digo"), elas não devem ser lidas como indícios de confrontação, mas à luz dos temas de cumprimento ricamente levantados nos capítulos 1-4 e tornado evidente mais uma vez em 5.17-20: Jesus veio para "cumprir" a Lei e os Profetas (isto é, as Escrituras do Antigo testamento). Por essa razão, seus anúncios concernentes ao reino devem ser lidos contra esse pano de fundo, e não com referência aos debates a respeito de detalhes da halaca. Essa estrutura é de Mateus; ele, por meio dela, conta-nos que independentemente de as controvérsias terem ocupado a atenção de Jesus, o fardo da proclamação de seu reino sempre fez do Reino o objetivo das escrituras, o muito esperado reino messiânico prenunciado.¹²

2- Análise das Bem-aventuranças

As bem-aventuranças, também chamadas de “beatitudes” ou “macarismos”, significam “bênção” e expressam a aprovação de Deus, algo muito maior que mera felicidade. Cada bênção corresponde diretamente ao caráter descrito: quem busca justiça é saciado, e os misericordiosos recebem misericórdia. A primeira e a última bem-aventurança prometem a mesma recompensa — “o reino do céu” — formando

¹¹ CARSON, D. A. O comentário de Mateus. p.160-162.

¹² CARSON, D. A. O comentário de Mateus. p.160-162.

um inclusão que revela o tema central. Assim, as bem-aventuranças funcionam como as normas do Reino e mostram o que significa viver sob a aprovação de Deus¹³

2.1- Primeira: “*Bem-aventurado os pobres de espírito, pois deles é o reino do céu*” (5.3)

Mateus qualifica esta primeira bem-aventurança, mas Lucas não o faz. Ele simplesmente diz: "Bem-aventurados vós, os pobres" (Lc 6.20). Com base nessa ideia, algumas pessoas concluem que o reino de Deus pertence essencialmente aos pobres; logo, tudo o que se tem de fazer para entrar no reino de Deus é ser pobre no sentido material. Na Idade Média, surgiu um pensamento chamado "misticismo da pobreza", no qual o estado de pobreza era elevado a um nível de virtude, conferindo dignidade a quem se encontrasse nele. Essa ideia negligencia o ensinamento mais abrangente da Bíblia acerca dos pobres.¹⁴

A pobreza de espírito não trata de falta de recursos, ignorância ou ausência do Espírito Santo, mas de reconhecer a própria falência espiritual diante de Deus. No Antigo Testamento, os “pobres do Senhor” eram humildes e dependentes de Deus, e textos como Isaías 57.15 mostram que Deus se volta a esse tipo de coração.¹⁵

Ser pobre de espírito é admitir pecado, incapacidade e total necessidade da graça divina — como o publicano que clama por misericórdia. Não é autodesprezo, nem humildade fingida, nem orgulho disfarçado de espiritualidade. É arrependimento sincero, sem ilusões sobre si mesmo.¹⁶

Por isso, Jesus afirma que o reino do céu pertence aos pobres de espírito: só quem reconhece sua insuficiência pode receber o que Deus oferece. O Sermão do Monte expõe nossa incapacidade e nos conduz a esse esvaziamento, para que Deus nos encha com sua justiça.¹⁷

2.2- Segunda: “*Bem-aventurado os que choram, pois serão consolados*” (5.4)

¹³ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.18-19

¹⁴ SPROUL, RC. Estudo Bíblico e expositivo sobre Mateus. p.60.

¹⁵ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.19

¹⁶ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.19

¹⁷ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.19

O choro mencionado por Jesus é a resposta natural da pobreza de espírito. Não se trata de tristeza constante ou autopiedade, mas do pesar verdadeiro pelo próprio pecado e pela realidade de um mundo marcado pela injustiça. É o lamento de quem reconhece a santidade de Deus, a gravidade do pecado e a incapacidade humana de alcançar pureza por si mesmo.¹⁸

Esse choro também surge ao ver a dor, a maldade e a corrupção ao redor — um sentimento que reflete o coração de Jesus, que chorou pela cidade e pela condição humana. O cristão, ao encarar com realismo a verdade sobre Deus, o pecado e a eternidade, lamenta tanto sua própria condição quanto a do mundo.¹⁹

A promessa, porém, é clara: os que choram serão consolados. Deus transforma o lamento em alegria, concede perdão e restauração e usa até mesmo as lágrimas para trazer vida a outros. E, no fim, o consolo será pleno: no novo céu e na nova terra, Deus enxugará toda lágrima.²⁰

2.3- Terceira: “*Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra*” (5.5)

A terceira bem-aventurança, onde a pobreza de espírito descreve de que modo a pessoa se vê diante de Deus — alguém dependente, humilde e consciente de sua própria limitação. Já a mansidão se manifesta no relacionamento com Deus e com o próximo, sendo uma atitude de humildade prática.²¹

Mansidão não é fraqueza, passividade ou falta de personalidade, mas a decisão de colocar o outro em primeiro lugar. Abraão demonstrou isso ao ceder a Ló; Moisés, ao não se defender mesmo sendo acusado; e Jesus é o exemplo máximo ao convidar todos a aprenderem dele, “manso e humilde de coração O dr. Martyn Lloyd-Jones explica:

*O homem verdadeiramente manso é aquele que se admira de que Deus e os homens possam ter uma opinião tão boa a seu respeito e tratá-lo tão bem quanto tratam [...]
Finalmente, eu diria assim: temos de deixar tudo — nós mesmos, nossos direitos, nossa*

¹⁸ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.21-23.

¹⁹ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.21-23.

²⁰ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.21-23.

²¹ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p. 23-25

*causa, todo o nosso futuro — nas mãos de Deus, principalmente se achamos que estamos sofrendo injustamente.*²²

Embora a Bíblia valorize a mansidão, ela se tornou rara entre os cristãos, que muitas vezes preferem defender-se ou buscar poder e organização antes de refletir o caráter do Reino. Em contraste com a lógica do mundo — onde vence quem toma para si — o manso reconhece que tudo está sob o domínio de Deus e, por isso, relaciona-se com humildade e equilíbrio.²³

A promessa de que “os mansos herdarão a terra” contraria o materialismo atual. Essa herança começa agora, quando o manso encontra satisfação e liberdade do ego em Cristo, e será plenamente realizada no novo céu e nova terra, quando essa bem-aventurança se cumprirá de forma completa.²⁴

2 4- Quarta: “*Bem-aventurados os que têm. Fome e sede de justiça, porque eles serão fartos*” (5.6)

A justiça muitas vezes é confundida com legalismo, e por isso pouco desejada. Muitos cristãos buscam experiências espirituais, poder ou felicidade, mas poucos desejam a justiça com a mesma intensidade de quem tem fome e sede. Contudo, ela é essencial: depois de reconhecer a própria falência (pobreza de espírito), lamentar o pecado (choro) e agir com humildade (mansidão), o discípulo precisa ansiar profundamente pela justiça.²⁵

Essa fome não é um interesse superficial, mas uma necessidade vital — tão urgente quanto comer e beber. Só quem entende sua real carência espiritual sente esse desejo intenso pela justiça de Deus. As normas do reino exigem que homens e mulheres tenham essa fome e sede de justiça — algo tão essencial para a vida cristã.²⁶

Quando se trata de profissão de fé cristã, não conheço teste melhor para uma pessoa aplicar a si mesma do que um versículo como esse. Se, para você, esse versículo é uma das declarações mais abençoadas de toda a Escritura, pode ter certeza de que você é um cristão. Mas, se não for, é melhor examinar mais uma vez os fundamentos

²² D. Martyn Lloyd-Jones, *Studies in the Sermon on the Mount*. p. 69-70

²³ CARSON, D. A. *O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7*. p. 23-25

²⁴ CARSON, D. A. *O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7*. p. 23-25

²⁵ CARSON, D. A. *O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7*. p.25-27

²⁶ CARSON, D. A. *O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7*. p.25-27

A justiça pela qual devemos ter fome e sede não é apenas a justiça atribuída por Cristo nem somente a defesa dos oprimidos. Em Mateus, “justiça” significa viver conforme a vontade de Deus. Assim, quem deseja essa justiça quer obedecer a Deus em tudo, rejeita uma religiosidade vazia e busca sinceramente um caráter alinhado com a Palavra.²⁷

A promessa é que “serão fartos”: Deus satisfaz quem deseja viver de modo justo. Mas essa satisfação não elimina o desejo contínuo por mais justiça — é uma fome que sempre retorna, porque crescer na obediência e na santidade faz parte da vida cristã.²⁸

2.5- Quinta: “*Bem-aventurados os misericordiosos, pois a ele se mostrará misericórdia*”. (5.7).

O caráter do cristão deve manifestar um espírito de misericórdia, mas, para grande vergonha nossa, isso nem sempre acontece. Somos incapazes de tomar um fôlego sequer, salvo pela misericórdia de Deus.²⁹

Nós devemos manifestar um espírito de misericórdia porque vivemos cada dia graças a ela. Além disso, herdamos a vida eterna estritamente com base na misericórdia, e não na justiça.³⁰

A partir do momento em que se vive as bem-aventuranças — reconhece seu pecado, lamenta sua condição e busca a justiça — sabe que precisa da misericórdia de Deus e, por isso, a oferece aos outros. O cristão perdoa e demonstra misericórdia porque já recebeu e porque ainda precisa dela.³¹

Quem não admite seu pecado tende a julgar; quem reconhece sua necessidade aprende a agir com compaixão. Essa bem-aventurança nos chama a

²⁷ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.25-27

²⁸ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. 25-27

²⁹ SPROUL, RC. Estudo Bíblico e expositivo sobre Mateus. p.68-69

³⁰ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.27-29.

³¹ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.27-29.

examinar se somos realmente sensíveis ao sofrimento dos outros. Um verdadeiro avivamento sempre começa com essa humildade que produz misericórdia.³²

2.6- Sexta: “*Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus*” (5.8)

Jesus declara bem-aventurados os puros de coração, mostrando que Deus não busca inteligência, emoção ou aparência religiosa, mas sinceridade e integridade interior. Na Bíblia, o coração é o centro da vida interna — e, naturalmente, está corrompido. Por isso, a pureza de coração é essencial: somente os puros verão a Deus.³³

Essa pureza não é mero comportamento externo. Jesus nos leva a examinar nossos pensamentos, desejos e motivações: o que amamos? O que buscamos quando ninguém vê? Nossas ações refletem quem somos por dentro?³⁴

A pureza envolve ausência de duplicidade e compromisso com a santidade. O cristão vive hoje orientado pelo futuro: como veremos a Deus e seremos semelhantes a Cristo, começamos agora a nos purificar. Embora a perfeição plena venha apenas na eternidade, a busca pela santidade já marca a vida do discípulo.³⁵

Por fim, os puros são felizes porque experimentam, ainda que parcialmente, a presença de Deus agora — e um dia O verão plenamente. Essa promessa motiva a continuar buscando um coração santo.³⁶

2.7- Sétima: “*Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus*” (5.9)

A sétima bem-aventurança mostra Jesus chamando de bem-aventurados não apenas os que amam a paz, mas os pacificadores — aqueles que trabalham ativamente para promover reconciliação. O maior exemplo é Jesus Cristo, que trouxe paz entre Deus e a humanidade e entre as pessoas. Por isso, o evangelho é a maior mensagem de paz, e todo cristão é enviado como portador dessa paz.³⁷

³² CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.27-29.

³³ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.29-31.

³⁴ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.29-31.

³⁵ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.29-31.

³⁶ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.29-31.

³⁷ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.31-33.

Ser pacificador, porém, não se limita ao anúncio do evangelho. Envolve atitudes práticas: desarmar tensões, criar pontes, restaurar diálogo, responder com mansidão e evitar que conflitos se agravem. A Escritura lembra que nossa ira não produz a justiça de Deus e que a resposta branda acalma o furor.³⁸

Os pacificadores são chamados filhos de Deus porque refletem o caráter do Pai. Sua recompensa é serem reconhecidos como semelhantes a Deus em seu modo de agir. Na prática, pessoas que trazem calma e equilíbrio revelam essa identidade — algo que deveria ser natural a todo discípulo de Jesus.³⁹

2.8- Oitava: “*Bem-aventurado os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o reino do céu*” (5.10).

Jesus declara bem-aventurados aqueles que são perseguidos por causa da justiça, e não por imprudência, fanatismo ou motivos políticos. A perseguição vem porque o discípulo vive como Jesus viveu, e essa semelhança incomoda o mundo.⁴⁰

Essa perseguição pode aparecer de muitas formas: insultos, zombaria, exclusão, rótulos negativos ou críticas por atitudes éticas — como recusar mentiras, desonestidade ou comportamentos imorais.⁴¹

A recompensa dos perseguidos é o reino dos céus. Essa bem-aventurança funciona como um teste: quem vive verdadeiramente segundo a vontade de Deus inevitavelmente enfrentará algum tipo de oposição. Se nunca há rejeição por causa da fé, pode faltar justiça visível na vida.⁴²

O Novo Testamento reforça esse princípio: a justiça real confronta o pecado e, por isso, provoca reações. A vida do cristão acaba dividindo pessoas — algumas se afastam, outras são atraídas para Cristo ao verem sua justiça refletida em seus seguidores.⁴³

³⁸ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.31-33.

³⁹ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.31-33.

⁴⁰ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.33-34.

⁴¹ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.33-34.

⁴² CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.33-34.

⁴³ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5–7. p.33-34.

44“Se o mundo os odeia, tenham em mente que me odiou primeiro. Se vocês pertencessem ao mundo, ele os amaria como se fossem dele. Como vocês não pertencem ao mundo — pelo contrário, eu os escolhi do mundo —, o mundo os odeia. Lembrem-se das palavras que eu lhes disse: ‘Nenhum servo é maior que o seu senhor’. Se me perseguiram, também perseguirão vocês. Se obedeceram ao meu ensino, também obedecerão ao de vocês” (Jo 15.18-20)

Paulo acrescenta: “Porque lhes foi concedido por amor de Cristo não somente crer nele, mas também sofrer por ele” (Fp 1.29). “De fato, todos os que querem viver uma vida piedosa em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3.12; cf. 1Ts 3.3,4).

Essa oitava bem-aventurança é tão importante que Jesus a amplia, tornando-a ainda mais incisiva ao trocar a terceira pessoa das bem-aventuranças pelo discurso direto em segunda pessoa.⁴⁵

3- As Bem-aventuranças nos dias de hoje.

O Sermão do Monte continua absolutamente relevante porque apresenta, de forma coerente, o comportamento esperado dos discípulos e revela o próprio coração de Jesus: suas motivações, atitudes, misericórdia e compromisso com o Reino. Ao final, Cristo afirma que sua autoridade exige obediência prática, e somente quem vive seus ensinamentos constrói a vida sobre a rocha. Hoje, muitos cristãos negligenciam as Bem-Aventuranças por influência da cultura do consumo, lendo-as apenas de modo poético e não como valores do Reino. Porém, como destaca Wright, elas anunciam a nova realidade inaugurada por Jesus — a vida do céu irrompendo na terra — sem negar a esperança futura nem depender do esforço humano. O Reino é obra de Deus, iniciado por Cristo, mas seus seguidores são chamados a viver, desde já, sob seus valores.⁴⁶

3.1- Os humildes de espírito (v. 3)

3.1.1- Autossuficiência Espiritual

Um dos problemas da igreja atual é a crescente autossuficiência espiritual, que contraria a bem-aventurança dos “pobres de espírito”. Muitos cristãos e líderes têm dificuldade de admitir fraqueza, confessar pecados e depender totalmente de Deus,

⁴⁴ BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Nova Versão Internacional.

⁴⁵ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5-7. p.33-34.

⁴⁶ CARSON, D. A. O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5-7.p.11-12.

transformando a fé em performance e busca por reconhecimento.⁴⁷ O verdadeiro crente precisa reconhecer o seu estado de pobreza espiritual, se não houver conhecimento, não haverá recompensa que o recebimento do reino dos céus.⁴⁸

Os humildes de espírito são aqueles que reconhecem sua pobreza espiritual diante de Deus. No Antigo Testamento, essa pobreza passou a expressar dependência espiritual, e o aflito é quem clama por salvação; Isaías mostra que Deus habita com o contrito, e Jesus cumpriu isso ao anunciar boas-novas aos quebrantados. Ser humilde de espírito é admitir nossa falência espiritual, pois somos pecadores e nada merecemos, recebendo o reino somente aqueles que reconhecem essa condição — como publicanos e prostitutas, ao contrário de Laodicéia, que se julgava rica, mas era “pobre, cega e nua”. Essa humildade implica confessar que nada somos e dependemos totalmente da graça, como Isaías declarou: “Ai de mim”, mostrando essa consciência e revelando que toda jactância é inútil. O verdadeiro “eu” deve diminuir para Cristo crescer, e não alcançamos essa humildade olhando para nós mesmos ou por esforço próprio, como no monasticismo, mas olhando para Deus, Sua lei e Cristo. Quanto mais olhamos para Ele, mais percebemos nossa pouca fé e nossa própria nulidade, assim como os apóstolos que suplicaram: “Aumenta-nos a fé”.

49

3.2- Os que choram (v. 4)

3.2.1- A superficialidade espiritual e a falta de quebrantamento.

Muitas igrejas têm vivido uma espiritualidade superficial, marcada pela falta de arrependimento verdadeiro e pela pouca sensibilidade ao pecado e ao sofrimento do mundo. Em vez de chorar pela injustiça e pela maldade, muitos se acostumam a uma fé triunfalista e positiva que evita confronto. Com isso, a comunidade deixa de se entristecer com aquilo que entristece o coração de Deus.⁵⁰

O crente precisa chorar por arrependimento. O choro é uma demonstração de contrição e o coração contrito, Deus consola.⁵¹

⁴⁷ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.18-20.

⁴⁸ SERMÃO DO MONTE: um ensino desafiador. p.25.

⁴⁹ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.18-20.

⁵⁰ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.18-20

⁵¹ SERMÃO DO MONTE: um ensino desafiador. p.25

A segunda bem-aventurança ensina que os verdadeiramente felizes são aqueles que choram não por perdas comuns, mas pelo arrependimento e pela consciência do próprio pecado. Essa tristeza espiritual, presente em Jesus e em muitos servos de Deus na Bíblia, é uma “tristeza segundo Deus”, que conduz ao verdadeiro quebrantamento. O consolo prometido por Cristo é o perdão restaurador que Deus concede ao coração contrito, consolo que será pleno na glória futura. O cristão também lamenta os pecados e sofrimentos do mundo, equilibrando uma alegria profunda com seriedade espiritual. Esse equilíbrio nasce da Palavra e da ação do Espírito Santo, que revelam tanto o peso do pecado quanto a esperança de Cristo.⁵²

3.3- Os mansos (v. 5)

3.3.1- Espírito de disputa, autorreferência e busca por poder dentro da igreja

Um problema crescente na igreja é a falta de mansidão nas relações. Em vez de humildade e serviço, surgem disputas, defesa de direitos pessoais, rivalidades e competição por reconhecimento.⁵³

A mansidão é resultado de um trabalho que é desenvolvido para que a pessoa tenha autocontrole. É um exercício a ser praticado, a cada instante, pelo crente.⁵⁴

A mansidão, expressa pelo termo grego *praüs*, descreve alguém gentil, humilde e autocontrolado — características presentes em Jesus e ensinadas por Paulo. Ela nasce quando reconhecemos nosso pecado e dependência de Deus, produzindo humildade prática no relacionamento com o próximo. Enquanto o mundo valoriza força e autopromoção, Jesus afirma que os mansos herdarão a terra, conforme já indicado no Salmo 37: a verdadeira herança pertence aos que confiam no Senhor e vivem em comunhão com Ele. A mansidão não pode ser produzida por esforço humano, mas é fruto do Espírito Santo na vida do crente. Por isso, somos chamados a contemplar o exemplo de Cristo, negar o ego e permitir que o Espírito forme em nós essa disposição humilde e obediente.⁵⁵

⁵² STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.18-20.

⁵³ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. P.20-21.

⁵⁴ SERMÃO DO MONTE: um ensino desafiador. p.26

⁵⁵ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.20-21.

3.4- Os que tem fome e sede de justiça (v. 6)

3.4.1- Uma fé sem santidade

Muitos cristãos hoje perderam a fome e sede de justiça e passaram a buscar apenas conveniência espiritual, emoções e prosperidade. A santidade deixou de ser prioridade, dando lugar a uma religiosidade superficial, sem confronto ao pecado nem compromisso com uma vida justa. Isso gera uma igreja acomodada, satisfeita com pouco e sem verdadeira transformação.⁵⁶

O crente deve ter fome e sede de justiça moral, isto é, deve desejar se conduzir, ou se comportar, como Deus quer. O crente tem que ter fome e sede de justiça social, deve ter como preocupação atender os pobres, libertar os oprimidos e promover os direitos humanos.⁵⁷

Jesus declara bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque o verdadeiro povo de Deus deseja, acima de tudo, a justiça do Reino — não bens materiais. Essa justiça bíblica é legal, moral e social. Essa fome é essencial ao crescimento cristão: como Lutero lembrava, mesmo que o mundo não se torne perfeito, devemos fazer o máximo para promover justiça. Deus satisfaz essa fome, mas ela nunca desaparece totalmente; quanto mais buscamos sua justiça, mais a desejamos, e a plena satisfação só virá no céu. O mundo busca felicidade acima de tudo e acaba frustrado, pois a Bíblia ensina que a verdadeira felicidade só é encontrada quando se busca primeiro a justiça. Isso também ocorre na igreja, quando muitos procuram apenas emoções em vez da justiça que Deus requer. A justiça cristã não é aparência, debate moral ou político; ela é profunda, transforma o coração e orienta toda a vida, indo além das normas sociais.⁵⁸

3.5- Os misericordiosos (v. 7)

3.5.1- Falta de compaixão prática e o espírito de julgamento dentro da igreja.

Um problema crescente na igreja é a falta de misericórdia: muitos cristãos têm sido rápidos em criticar, duros ao julgar e lentos para perdoar, criando ambientes onde

⁵⁶ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.21-22.

⁵⁷ SERMÃO DO MONTE: um ensino desafiador. p.26.

⁵⁸ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.21-22

pecadores feridos têm medo de ser sinceros. Isso revela que muitos ainda não compreenderam a graça que receberam.⁵⁹

Ter misericórdia é partilhar do sofrimento alheio, ajudando uma pessoa a quem nem mesmo conhece, ou sabe quem é. E cuidar do necessitado, usando os seus próprios recursos.⁶⁰

Jesus declara bem-aventurados aqueles que demonstram misericórdia, entendida como compaixão diante da dor, miséria e necessidade do outro. Richard Lenski diferencia misericórdia e graça ao afirmar que a misericórdia olha para o sofrimento causado pelo pecado e busca aliviar, curar e ajudar, enquanto a graça olha para o pecado em si e concede perdão e restauração.⁶¹

Jesus não limita quem deve receber misericórdia: ela se aplica tanto aos necessitados e feridos, como o homem socorrido pelo bom samaritano, quanto aos famintos, doentes, excluídos e até mesmo aos que nos machucam, quando a justiça humana pediria punição, mas a misericórdia oferece perdão. Isso porque Deus é misericordioso, e seus filhos são chamados a refletir o seu caráter.⁶²

O mundo, ao contrário, tende à vingança, evita se envolver no sofrimento alheio e vê pouco valor no perdão; porém, o cristão deve agir de maneira diferente. A promessa de Jesus — “os misericordiosos alcançarão misericórdia” — não significa que a misericórdia seja merecida, mas que ninguém pode receber o perdão de Deus sem arrependimento verdadeiro, e quem foi realmente perdoado demonstra isso perdoando os outros.

Perdoar e ser perdoado são realidades inseparáveis. A parábola do servo incompassivo ilustra que quem se recusa a perdoar mostra que não compreendeu o perdão que recebeu. Assim, o manso também é misericordioso, pois reconhece seus próprios pecados e, por isso, trata com compaixão os pecados e fragilidades dos outros.⁶³

⁵⁹ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. P.22-23

⁶⁰ SERMÃO DO MONTE: um ensino desafiador. p.26.

⁶¹ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. P.22-23

⁶² STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. P.22-23

⁶³ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. P.22-23

Não se pode ser verdadeiramente perdoado sem possuir espírito perdoador. A graça divina, quando manifesta em nossos corações, nos torna misericordiosos. Assim, a forma como perdoamos ou não revela se já recebemos o perdão de Deus. Se fomos perdoados, então também perdoamos. Nenhum de nós tem, por natureza, um espírito perdoador; se o temos, é porque vimos o que Deus fez por nós, apesar do que merecemos. Então, podemos dizer: "Eu sei que fui perdoado, por isso também perdoar".⁶⁴

A misericórdia é essencial. Enquanto estivermos neste mundo, sempre precisaremos da misericórdia de Deus quando pecarmos. No fim, no julgamento, todos precisarão da misericórdia do Senhor. Se a graça de Cristo está em nós e somos misericordiosos, receberemos misericórdia naquele dia. O que nos torna misericordiosos é a graça de Deus. Se não formos misericordiosos, é porque nunca compreendemos a graça de Deus e ainda estamos em nossos pecados⁶⁵

A grande questão é: você é misericordioso? Você se entristece pelos pecadores, mesmo quando o ofendem? Você sente compaixão pelos que são enganados pelo mundo, pela carne e pelo diabo? Esse é o teste. "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia."⁶⁶

3.6- Os limpos de coração (v. 8)

3.6.1- A normalização da duplicidade e da aparência religiosa sem transformação do coração

Um dos grandes problemas da igreja atual é a vida espiritual dividida: muitos mantêm uma aparência religiosa correta, mas o coração permanece distante de Deus. Há empenho em atividades e performances espirituais, porém pouca disposição para lidar com pecados ocultos e motivações erradas.⁶⁷

⁶⁴ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. P.22-23

⁶⁵ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. P.22-23

⁶⁶ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. P.22-23

⁶⁷ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.23-24

Onde há transparência, não pode haver falsidade. Se houver falsidade, não há como se ver a Deus. Só com o coração limpo é que se pode ver a Deus.⁶⁸

A expressão “de coração” revela que Jesus fala de uma pureza interior, assim como “pobres de espírito” aponta para humildade espiritual. Os limpos de coração não são apenas morais ou cerimonialmente puros, mas íntegros diante de Deus. A Escritura mostra que só quem tem mãos limpas e coração puro pode se aproximar do Senhor, e Jesus criticou os fariseus por cuidarem apenas da aparência externa. Lutero destacou que alguém pode estar fisicamente sujo, mas ser puro aos olhos de Deus se vive em sinceridade. No contexto das bem-aventuranças, pureza de coração envolve relacionamentos marcados por transparência, sem duplicidade, manipulação ou máscaras, embora poucos vivam assim plenamente, pois apenas Jesus foi perfeitamente puro.⁶⁹

A promessa é que os limpos de coração verão a Deus — agora pela fé e, no futuro, em glória — porque somente a sinceridade verdadeira pode permanecer diante do Deus santo. A pergunta sobre como ter um coração limpo foi debatida ao longo dos séculos: alguns defendem afastamento do mundo, mas isso é antibíblico, pois ninguém pode se purificar sozinho. O caminho bíblico é reconhecer nossa corrupção e pedir como Davi: “Cria em mim um coração puro”. Só Deus pode purificar, por meio do Espírito. Porém, isso não nos torna passivos: Tiago ordena que nos aproximemos de Deus, Paulo nos chama a mortificar a velha natureza, e devemos cooperar com o Espírito em nossa santificação.⁷⁰

O objetivo final é ver a Deus, a grande esperança cristã. Por isso, quem aguarda essa glória se purifica “assim como Ele é puro”, preparando-se para a audiência diante do Rei. O tempo é curto, e não devemos desperdiçá-lo com o que nada acrescenta. Deus nos prepara, mas também devemos trabalhar para purificar nossos corações, vivendo com sinceridade e verdade diante Dele.⁷¹

3.7- Os pacificadores

⁶⁸ SERMÃO DO MONTE: um ensino desafiador. p.26.

⁶⁹ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.23-24

⁷⁰ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.23-24

⁷¹ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.23-24

3.7.1- A cultura da polarização e do confronto constante

A polarização tem crescido tanto na igreja quanto na sociedade, fazendo com que as relações sejam marcadas por confronto em vez de diálogo. Isso gera debates agressivos, cancelamentos e divisões. Tanto a igreja quanto o mundo sofrem porque falta justamente o que Jesus valorizou: pessoas dispostas a promover diálogo, reduzir tensões e agir como agentes de reconciliação em meio à fragmentação.⁷²

Só os filhos de Deus têm condições de se tornar pacificadores.⁷³

A passagem relaciona naturalmente os “limpos de coração” aos “pacificadores”, pois a sinceridade interior é essencial para resolver conflitos, enquanto intrigas geram divisão. Embora Jesus tenha ensinado que conflitos surgiriam por causa do evangelho, o cristão não deve provocá-los, mas buscar a paz e promover reconciliação. A verdadeira paz é obra de Deus, realizada por Cristo na cruz, por isso os pacificadores são chamados filhos de Deus — fazem o que Deus faz. Essa paz não é apaziguamento barato, pois não ignora erros nem evita confrontos; exige custo, como pedir perdão, confrontar com amor e ouvir com paciência. Ser pacificador envolve trabalhar pela reconciliação entre pessoas, pela unidade da igreja e pela evangelização, mas sem sacrificar a verdade doutrinária ou o chamado ao arrependimento. O pacificador não age movido pelo ego, pois já reconheceu sua pobreza espiritual, lamentou seu pecado e busca justiça; por isso, não vive exigindo direitos nem perguntando “o que ganho com isso?”. Ele venceu o “eu” natural, vivendo o novo homem e vendo os outros objetivamente, com misericórdia. Assim, compreende as pessoas difíceis e pode ajudá-las, estabelecendo a paz. Ser pacificador, portanto, exige um ponto de vista novo, livre do egoísmo e marcado pela compaixão.⁷⁴

3.8- Os perseguidos por causa da justiça (vs. 10-12)

3.8.1- Desafios Contemporâneos da Perseguição por Causa da Justiça

Na sociedade atual cresce a intolerância contra cristãos que buscam viver com fidelidade ao Evangelho, enquanto dentro da própria igreja muitos suavizam sua fé

⁷² STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.24-25

⁷³ SERMÃO DO MONTE: um ensino desafiador. p.26.

⁷⁴ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.24-25

para evitar conflitos. Esses dois movimentos entram em choque com a oitava bem-aventurança, pois mostram que, ao mesmo tempo em que o mundo rejeita a justiça do Reino, a igreja muitas vezes teme assumir valores contraculturais.⁷⁵

A perseguição que traz felicidade é aquela decorrente do discipulado cristão: a busca da justiça e a busca do cumprimento dos ensinamentos de Jesus. Esse tipo de perseguição produz no verdadeiro cristão regozijo e alegria.⁷⁶

Jesus ensina que, mesmo os seguidores que promovem a paz, enfrentarão perseguição, não por falhas pessoais, mas por viverem a justiça e seguirem a Cristo em contraste com os valores do mundo. Por isso, Ele ordena que se alegrem, não por gostarem da dor, mas porque a perseguição confirma a autenticidade da fé, os coloca na linhagem dos profetas e garante recompensa eterna. Assim, a perseguição é parte natural do discipulado, algo vivido pelos apóstolos e exemplificado por Bonhoeffer, que sofreu prisão e morte por fidelidade ao evangelho. As bem-aventuranças mostram o verdadeiro discípulo — humilde, misericordioso e comprometido com a justiça — e revelam a inversão radical de valores do Sermão do Monte, onde o sofredor por Cristo é bem-aventurado. O texto alerta que nem todo sofrimento de cristãos é “por causa da justiça”, podendo ser resultado de motivações políticas ou sociais; por isso é necessário discernir se a perseguição vem realmente da fidelidade a Deus. A Bíblia e a história da Igreja mostram exemplos de justos perseguidos apenas por serem fiéis, e o sofrimento verdadeiro por Cristo traz consolo e alegria. O autor exorta os cristãos a buscarem sabedoria para reconhecer se seu sofrimento é realmente por causa da justiça, a fim de receber a bênção prometida por Deus.⁷⁷

⁷⁵ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.25-26.

⁷⁶ SERMÃO DO MONTE: um ensino desafiador. p.26.

⁷⁷ STOTT, John R. W. Contracultura cristã: a mensagem do Sermão do Monte. p.25-26.

Referência bibliográfica

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

CARSON, D. A. **Introdução ao Novo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CARSON, D.A., 1946 – **O Sermão do monte: exposição de Mateus 5-7** / D.A Carson; tradução de Lucília Marques – São Paulo: Vida Nova, 2018. 176p

CARSON, D. A. - **O comentário de Mateus**. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

SPROUL, RC. **Estudo Bíblico e expositivo sobre Mateus** / RC Sproul; Traduzido por Giuliana Niedhart Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, 752p.

STOTT, John. **A Mensagem do Sermão do Monte**: Um Estudo Expositivo. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2017.

JOHN. R.W Stott. **Contracultura Cristã**: A mensagem do Sermão do Monte / Tradução de Yolanda M. Krievin. 1ª Edição – 1981. Editora Aliança Bíblica Universitária do Brasil. 104p.

SERMÃO DO MONTE: **Um ensino desafiador**. Guia do Professor. Direção de Alimendiel de Souza; Edição de André de Sousa Lima. São José dos Campos: Editora Cristã Evangélica, 2023